

11. O QUINTO VEDA

Gullapalli Buchiramayya Shastri discorreu muito bem sobre o Mahabharatha, e com profundo conhecimento, já que há anos ele tem se especializado em estudar e falar sobre o assunto. Muitos não consideram o Mahabharatha tão inspirador de devoção quanto, por exemplo, o Bhagavatha ou o Ramayana; mas, uma vez experimentado seu gosto, não se pode deixá-lo de lado ou considerá-lo de menos valor. Não é sem razão que é chamado o Quinto Veda. Os Vedas fazem revelações que estão além do alcance intelectual. Essas verdades são expostas de maneira simples e prática, interessante e instrutiva, através das histórias e homílias do Mahabharatha.

O Purva Mimamsa (análise dos ensinamentos dos Vedas relativos aos rituais) lida com o caminho dos desejos mundanos (*pravriti marga*) e o Uthara Mimamsa com o caminho da renúncia (*nivriti marga*). O Purva Mimamsa trata de *karana* (a razão) e o Uthara Mimamsa de *karyam* (o dever) que é *jñanam* (sabedoria espiritual). No Mahabharatha os dois caminhos são explicados em profundidade, por isso é chamado o Quinto Veda. Ele é o próprio Vedasana (a essência da vida). Em télugo há um provérbio que diz: “Se é uma questão de ouvir, ouçam o Bharatham; se é uma questão de comida, comam *garalu*” Isso porque o Bharatham oferece toda a inspiração que o homem necessita para esta existência, e para a próxima, de forma simples e doce.

Onde existe *dharma* (virtude), a vitória é certa.

A prática dos Vedas tem quatro pilares como base: a verdade (*sathya*), o dever (*dharma*), a paz (*shanti*) e o amor (*prema*). Eles precisam ser praticados e experimentados, e o fruto de sua combinação, a bem-aventurança (*ananda*), deve ser desfrutado. Krishna disse aos Pandavas que Ele nada sabia sobre o decisivo jogo de dados que desencadeou uma série de calamidades. “Eu estava em Dvaraka então”, disse Ele. Dvaraka significa a cidadela com nove portões ou Dvaras, o próprio corpo. Krishna é testemunha de tudo - qualquer coisa feita sem Sua aprovação, ou que não Lhe seja dedicada, fracassará.

Os cinco irmãos Pandavas são os cinco *pranas* (ares vitais) simbolizados nesta história e, com a ajuda do Senhor, venceram a batalha contra as forças do mal. A vitória é certa quando o *dharma* está presente. O Mahabharata ensina essa verdade. Os Pandavas enfrentaram muitas tentações, colocadas diante deles para fazê-los cair em *a-dharma* (não-retidão), mas eles aderiram ao difícil caminho do *dharma* e venceram. A condição humana foi conquistada após incontáveis eras de penoso esforço, e seria realmente lamentável perdê-la em buscas vãs, ignorando o *divyathavam* (a Divindade que precisa se manifestar).

Deus só considera o sentimento que motiva uma prece

Inúmeras vezes o Mahabharatha demonstra que o Senhor atende às preces que brotam da fé e do desejo cheio de fervor. Draupadi, que orava com contrição no salão dos Kauravas, é um exemplo disso. Houve um vaqueiro chamado Maladasa cuja determinação era ver o Senhor como descrito nos textos sagrados, que ouvira um *pandit* (sábio/culto) ler no templo do vilarejo. Enquanto suas vacas pastavam no campo, ele orava para “o Senhor negro montado num pássaro branco”. Passaram-se onze dias e nenhum sinal do “Senhor negro montado num pássaro branco”. Ele não comeu nem bebeu todos aqueles dias e estava fraco demais para andar ou falar. Finalmente, o Senhor rendeu-se às suas súplicas e apresentou-Se diante dele como um velho *brahmin*. Mas o *brahmin* não montava um pássaro branco e nem era negro, lindamente negro, como o *pandit* havia descrito. Ele pediu ao *brahmin*, então, que voltasse no dia seguinte, às sete da manhã, a fim de que pudesse trazer o *pandit* para atestar se Aquele era mesmo o Senhor. O *pandit* riu de toda sua estória e recusou-se a participar dela, mas Maladasa foi tão insistente que este acabou concordando. No dia seguinte, todo o vilarejo dirigiu-se para margem do rio bem antes das sete horas. O *brahmin* lá estava, exatamente como havia prometido. Maladasa O mostrou a todos, mas eles não O podiam ver! Começaram a rir do comportamento absurdo do vaqueiro e ameaçaram surrá-lo por tê-los ludibriado com sua pilhéria. Só Maladasa conseguia ver o *brahmin* perfeitamente, ninguém mais. Finalmente, irado, aproximou-se do *brahmin* e Lhe esbofetou a face dizendo: “Por que você não aparece para todos?”



Aquele gesto mudou a cena por completo. Krishna apareceu em Suas vestes resplandecentes, com um sorriso no rosto, numa Forma cativante, e com o pássaro branco. Enquanto os espantados moradores da vila se refaziam do susto, *vimana*, a carruagem celeste, suavemente baixou do céu e Krishna convidou Maladasa a nela se sentar. Então, com o Senhor ao seu lado, Maladaasa alçou às alturas e logo desapareceu no horizonte.

O Mahabharata é uma inspiração para todas as ocasiões

O Senhor sempre pesa somente a intenção, por trás da oração, para satisfazer e agradar o devoto com a Forma *Saguna* (Deus com atributos), visível aos olhos e captada pelos sentidos, mas não atingível através dos sentidos. Antes, porém, a oferta de algo não alcançável pelos sentidos deve ser feita. Assim, o próprio *karma* (ação) se torna adoração, quando acrescido, até o seu ponto de saturação, de dedicação. *Rathi*, (apego) é a semente; *bhava*, (sentimento) é o broto, *prema* (amor) é a árvore, *sat chit ananda* (ser, consciência, bem-aventurança) é o fruto. Nos Vedas há partes sobre *karma* (ação), sobre *upasana* (prática) e sobre *jñana* (conhecimento). O Mahabharata ensina todos os três, por isso para o Vedavriksha o Bharatha pode ser chamado o fruto da árvore dos Vedas.

Vocês aprenderam que o Senhor vem ao mundo quando há o declínio do *dharma*. Pois bem, *vedaglani*, o declínio dos Vedas, é equivalente ao declínio do *dharma*, já que os Vedas são a própria raiz do *dharma*. Há cinco tesouros que todo homem bom sempre tenta guardar, e que vocês devem se esforçar por cultivar: a vaca, o *brahmin*, os Vedas, os Sastras e a castidade. Uma vez perdidos, a vida estará perdida. Tudo que acrescenta valor à vida estará perdido.

Você é o seu próprio amigo e inimigo

Onde há *dharma*, Krishna está presente. Ponderem, portanto, cada um de vocês! Até onde merecem a graça do Senhor? Vocês O atraem para perto; vocês O mantêm afastado. Vocês se deixam confundir, se limitar e cair na armadilha. Ninguém é seu inimigo, exceto vocês mesmos. Ninguém é seu amigo; vocês são o seu único amigo. O guru lhes mostra o caminho, mas cabe a vocês trilhá-lo, sem receio ou hesitação.

O Mahabharata explica claramente os diques que o eterno *dharma* construiu para conduzir as turbulentas enchentes dos sentidos e das emoções até ao mar, sem causar danos às margens. *Brahmacharya* (estudante celibatário), *grihastha* (chefe de família), *vanaprastha* (ermitão), *sannyasa* (asceta) – as etapas da vida, com suas regras e restrições estabelecidas, são os diques que protegem o indivíduo e a sociedade contra a eclosão do animal no homem. Ainda hoje, o Mahabharata é de grande valia, uma eterna inspiração para toda a humanidade. A batalha entre o campo do *dharma* (*dharmakshethra*) e o campo da maldade (*kurukshethra*), o campo dos egoístas e perversos Kauravas) é permanente e, não importa quão forte o lado do mal possa parecer, mesmo tendo os Yadavas ao seu lado, se o Senhor for o condutor do carro, a vitória estará assegurada aos defensores do *dharma*. Mesmo agora, quando os chineses fazem pressão na fronteira, a melhor proteção para o país é o *dharma*, que ganhará a graça do Senhor. O que é impossível para um povo que obteve isso?

Prasanthi Nilayam - 23/04/1963

